



CLIMA, MEIO AMBIENTE E ELEIÇÕES 2022

PERCEPÇÕES DOS CIDADÃOS DA AMAZÔNIA LEGAL, JANEIRO DE 2022

AUTORES

Carolina de Paula
João Feres Jr.



1. INTRODUÇÃO



1.1 OBJETIVOS

A presente pesquisa tem dois objetivos principais:

- (1) mapear as perspectivas, sentimentos, narrativas e argumentos que a população dos estados da Amazônia Legal associa à questão do meio ambiente e da mudança climática;*
- (2) avaliar as conexões entre tais percepções e a motivação para a escolha do voto em 2022.*

Os nove estados da Amazônia Legal (Amazonas, Pará, Tocantins, Roraima, Maranhão, Mato Grosso, Acre, Rondônia e Amapá) concentram várias demandas de natureza ambiental em todos os seus níveis administrativos.

A pesquisa explora, de modo espontâneo, quais os potenciais candidatos que representam o tema – na opinião dos participantes – em cada localidade.



1.3 MÉTODO

- ▶ *A pesquisa utilizou a técnica qualitativa de grupos focais online.*
- ▶ *Os grupos focais são úteis para a exploração de temas sensíveis e difíceis de serem abordados em um questionário estruturado. Eles permitem que os participantes expressem suas percepções e experiências de maneira relativamente espontânea.*
- ▶ *Na pesquisa qualitativa não há intenção em mensurar percentuais de frequência. A técnica permite que os participantes conversem entre si, e não apenas respondam às questões do moderador/condutor do grupo. Nos grupos focais temas são levantados e aprofundados. O objetivo final não é produzir consenso entre os participantes, mas capturar a diversidade de opiniões e pontos de vista sobre temas de interesse.*
- ▶ *O recrutamento dos participantes em cada cidade foi feito por empresas especializadas e a moderação dos grupos ficou a cargo de especialista no emprego dessa técnica.*



1.4 PERFIL DOS GRUPOS

- ▶ *Para a determinação dos perfis demográficos dos grupos, partimos de tradicionais variáveis socioeconômicas dos estudos de opinião pública, a saber: sexo, renda, idade, local de residência.*
- ▶ *A distribuição geográfica dos grupos cobriu as capitais dos nove estados da Amazônia Legal (Amazonas, Pará, Tocantins, Roraima, Maranhão, Mato Grosso, Acre, Rondônia e Amapá)*
- ▶ *Todos os grupos foram mistos, isto é, compostos por homens e mulheres.*
- ▶ *Foram realizados 18 grupos focais online, com duração média de 1h15 cada.*
- ▶ *Em média tivemos 8 participantes por grupo.*
- ▶ *Os grupos foram realizados entre os dias 5 e 13 de janeiro de 2022.*



1.4 PERFIL DOS GRUPOS

GRUPO	CIDADE	ESTADO	SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE*	CLASSE
1	Manaus	Amazonas	Misto	até 25 anos	fundamental/médio	classe C
2	Manaus	Amazonas	Misto	acima 25 anos	fundamental/médio	classe C
3	Belém	Pará	Misto	até 25 anos	médio/superior incompleto	classe C
4	Belém	Pará	Misto	acima 25 anos	médio/superior incompleto	classe C
5	Palmas	Tocantins	Misto	até 25 anos	médio/superior	classe C
6	Palmas	Tocantins	Misto	acima 25 anos	médio/superior	classe C
7	Boa Vista	Roraima	Misto	até 25 anos	fundamental/médio	classe C
8	Boa Vista	Roraima	Misto	acima 25 anos	fundamental/médio	classe C
9	São Luís	Maranhão	Misto	até 25 anos	médio/superior incompleto	classe C
10	São Luís	Maranhão	Misto	acima 25 anos	médio/superior	classe C
11	Cuiabá	Mato Grosso	Misto	até 25 anos	fundamental/médio	classe C
12	Cuaibá	Mato Grosso	Misto	acima 25 anos	médio/superior incompleto	classe C
13	Rio Branco	Acre	Misto	até 25 anos	médio/superior incompleto	classe C
14	Rio Branco	Acre	Misto	acima 25 anos	médio/superior	classe C
15	Porto Velho	Rondônia	Misto	até 25 anos	médio/superior incompleto	classe C
16	Porto Velho	Rondônia	Misto	acima 25 anos	médio/superior	classe C
17	Macapá	Amapá	Misto	até 25 anos	médio/superior	classe C
18	Macapá	Amapá	Misto	acima 25 anos	médio/superior	classe C

*Todos os grupos tiveram o predomínio de pessoas com o Ensino Médio Completo. Contudo, havia pessoas com outras escolaridades (fundamental ou superior incompleto e completo), o que não comprometeu o resultado geral da pesquisa.



2. PERCEPÇÕES SOBRE A VIDA ATUAL



2. PERCEPÇÕES SOBRE A VIDA ATUAL

Em todas as cidades pesquisadas foi generalizado o sentimento de deterioração da situação financeira causada pela pandemia, seja relativa à própria vida – desemprego ou queda de renda – seja a de familiares e amigos. A inflação é sentida no dia-a-dia. Foram recorrentes as menções ao aumento do preço dos alimentos essenciais (arroz, carne, óleo) e também dos combustíveis. Existe a percepção de que os moradores da Região Norte sofrem ainda mais do que o restante do país, o argumento utilizado é que, dada a distância dos centros de distribuição de alimentos, há um alto custo de logística, onerando os preços finais pagos pelo consumidor.

Devido à pandemia existem diversos relatos de dificuldade de reinserção no mercado de trabalho ou a conquista do primeiro emprego (entre os grupos de jovens). A necessidade de fazer bicos e “se virar como pode” é a única alternativa de sobrevivência para muitos participantes.

“Eu sempre tento olhar o lado bom das coisas, mas depois da pandemia as coisas ficaram difíceis. Na parte econômica, do emprego as coisas ficaram bem difíceis mas não impossível. Meu esposo está desempregado. Só faz bico. A gripe pegou o Brasil todo. A gente vai fazendo como pode.”

(Manaus, Misto, até 25 anos, classe C)

“Eu acho que a pandemia agravou muito a questão aqui no estado. Como estamos no extremo norte, é difícil chegar os produtos.”

(Boa Vista, Misto, até 25 anos, classe C)



2. PERCEPÇÕES SOBRE A VIDA ATUAL

Sobre os principais problemas do Brasil de hoje, foram citados, na ordem (volume de menções): saúde, economia, educação e a questão social. Vale ressaltar que a saúde é de longe o tema que mais preocupa os participantes do estudo. A percepção é que a pandemia teria piorado algo que nunca foi de qualidade na região. O serviço público, que sempre foi precário, se mostrou ainda mais problemático com o aumento dos casos de covid e gripe (em janeiro, na ocasião da pesquisa, havia uma epidemia de gripe). Falta de insumos básicos e filas enormes na maioria dos postos de saúde dos bairros e hospitais são reclamações frequentes.

Foram diversos os relatos de que a falta de internet em casa prejudicou o acesso de crianças e adolescente aos ensino remoto durante a pandemia. Há percepção de que a crise sanitária aumentou a desigualdade entre ricos e pobres.

“Os hospitais são muito lotados e falta atendimento. Sofri um acidente de moto, quebrei a perna, eu fiquei 20 dias para ser operado, aguardando a cirurgia. Tinha falta de medicamento, falta de seringa.”
(Rio Branco, Misto, acima 25 anos, classe C)

“Teve crianças que ficaram sem estudar por aqui. Depois, não tinha acesso à internet. As crianças foram todas aprovadas, mas não aprenderam. Ficaram atrasados. Já nas escolas particulares, os alunos estavam estudando e com acesso à internet.”
(Porto Velho, Misto, até 25 anos, classe C)



3. CLIMA, MEIO AMBIENTE E ELEIÇÕES



3.1 DESMATAMENTO NA REGIÃO AMAZÔNICA E AQUECIMENTO GLOBAL

P11

A temática ambiental não surgiu espontaneamente quando foram discutidas as preocupações e prioridades para o Brasil. Contudo, ao serem estimulados sobre o assunto, há consenso de que o problema existe, é concreto e muito preocupante. É nítida a dificuldade da maioria dos participantes ao falar sobre o assunto, particularmente quando ele enverada por questões técnicas. Contudo, muitos citam problemas como o descarte irregular de lixo, as queimadas e a elevação da temperatura das cidades nas quais residem como evidências de que é preciso levar a sério o tema do meio ambiente.

“O desmatamento não é só na Amazônia, mas em todo o lugar. Tem muito desmatamento porque tem muita plantação de soja. O aquecimento global afeta tudo por causa dessas coisas. É tudo quente, é muito calor por causa desse desmatamento.”
(Cuiabá, Misto, até 25 anos, classe C)

O desmatamento é muito citado em relação ao problema concreto das “nuvens de fumaça” que engolfam frequentemente as cidades em que moram. O aumento de problemas respiratórios são mencionados como prova real de que o assunto é grave.

“Tem as catástrofes no clima, tomando proporções que a gente não espera. A cidade tem muitas regiões no perímetro urbano que são lugares de conservação.”
(Rio Branco, Misto, acima 25 anos, classe C)



3.1 DESMATAMENTO NA REGIÃO AMAZÔNICA E AQUECIMENTO GLOBAL - CITAÇÕES

“A questão do desmatamento é muito séria. Poucos levam isso a sério. Mas a gente está sentindo isso na pele. Mexe no clima. E coisas raras começam a acontecer. Chuva fora do normal, chuva fora do período. Locais que alagam. Tem as construções irregulares também. As pessoas fazem as casas no local da natureza.”

(São Luís, Misto, acima 25 anos, classe C)

“Ainda tem a questão do calor. A gente tem que ficar com ar-condicionado ligado o tempo todo, o ventilador, tudo isso afeta a gente. Ainda tem essa questão para reforçar.”

(Macapá, Misto, acima 25 anos, classe C)

“A gente sente muito o impacto aqui na nossa região. Principalmente quem gosta muito do interior. O garimpo está poluindo muito as nossas águas, faz com que os peixes acabem se afastando. A pesca predatória existe muito aqui nessa nossa região. Pessoas que pescam na piracema. O que está na mídia não é a nossa realidade.”

(Boa Vista, Misto, acima 25 anos, classe C)

“A gente está destruindo aos poucos ... os próprios amazonenses. Piorou muito de uns tempos para cá. Tinha muito mais árvores. Apenas desmataram. Estamos só tirando e não estamos repondo. A areia da qual te falava, nunca mais vai voltar. Quando a gente ia caçar, escolhia os animais, hoje nem acha nada. As queimadas espantam os bichos.”

(Manaus, Misto, até 25 anos, classe C)



3.2 “A AMAZÔNIA NÃO PEGA FOGO” (VÍDEO COM A FALA DE BOLSONARO EM DUBAI)

P13

Os participantes foram estimulados a reagir ao discurso de Jair Bolsonaro no qual afirma que não há desmatamento na Amazônia porque floresta úmida não pega fogo. Em todas as cidades e grupos os participantes discordam do presidente, mesmo seus apoiadores. Argumentam que Bolsonaro não conhece minimamente a região para falar algo dessa natureza. Alguns apoiadores, de modo residual, argumentam que se trata de um problema de outras gestões presidenciais e que Bolsonaro é perseguido injustamente pela imprensa.

“Eu creio que é uma fala muito distorcida da realidade. Isso afeta muito quem não conhece a região. Além de ser uma fala muito distorcida, isso é realmente um absurdo. Passa uma informação que não é verdadeira.”
(Macapá, Misto, até 25 anos, classe C)

A postura do presidente é vista como equivocada e mentirosa. Há incômodo sobre a aparente “falta de conhecimento” de Bolsonaro acerca da região onde moram.

“Eu achei uma piada ele ter falado que Amazônia não pega fogo. É um absurdo. No início do ano, houve muitas queimadas. Os fazendeiros queimando, para criar gado. Eu sei que todo mundo precisa da pecuária, mas eu não estou de acordo, não.”
(São Luís, Misto, até 25 anos, classe C)

LINK DO VÍDEO:

<https://www.youtube.com/watch?v=zqiTefQi6KM>



3.2 “A AMAZÔNIA NÃO PEGA FOGO” (VÍDEO COM A FALA DE BOLSONARO EM DUBAI) - CITAÇÕES

“Nós seres humanos temos que nos preocupar com isso. Não é só uma questão de governo. Mas precisa haver uma campanha que possa falar mais abertamente para as pessoas o quão importante é a preservação do nosso meio ambiente. Se não houver essas campanhas para que nós evitemos esse tipo de desmatamento ou queimada, isso vai continuar acontecendo. A gente não quer saber ao certo quanto está sendo queimado quanto foi desmatado, tem quem invente.”

(São Luís, Misto, acima 25 anos, classe C)

“O mais triste de tudo isso é que a natureza está em colapso. E ele sendo representante do país. Ele vai em plenário falar toda essa mentira. Isso tudo é mentira. É assim. Chega a ser cômico. Ridículo. Animais em extinção, floresta pegando fogo. Infelizmente, o nosso governo não tem informação, não tem preparação, não tem coração.”

(Rio Branco, Misto, acima 25 anos, classe C)

“O governo Bolsonaro não está fazendo nada. Ele deveria tomar medidas de preservação da floresta. E não estão fazendo nada. Não tem mentalidade, nem visão das coisas que acontecem em Manaus.”

(Manaus, Misto, até 25 anos, classe C)

“Eu acho que ele vive em uma realidade paralela. Que não condiz com a nossa. Isso de falar que a Amazônia não pega fogo porque é úmida é coisa de quem não sabe o que fala. Meu filho é asmático. A questão do ar prejudica muito ele. Pelo que eu tenho acompanhado, não é só ele, outras crianças também. É uma reação em cadeia. As queimadas, a saúde. Vai sobrecarregando todo o sistema.”

(Belém, Misto, acima 25 anos, classe C)



3.3 A RESPONSABILIDADE PELA CLIMA E MEIO AMBIENTE

P15

Ao discutirem a responsabilidade diante dos problemas do aquecimento e do meio ambiente é praticamente consensual a opinião de ela recai sobre todos – cidadãos, políticos e empresas. Entretanto, o discurso mais frequente e enfático foca na responsabilidade individual dos cidadãos, no sentido generalista de que “todos precisam fazer a sua parte”. Já os empresários, especialmente os grandes pecuaristas, são lembrados na sequencia como culpados e responsáveis, devido a sua ganância e ambição.

Chama a atenção a ausência de falas mencionando a necessidade de políticas públicas para o tema. Ou seja, para os participantes a saída não passa pelo Estado.

“Acredito que a culpa não é somente dos governantes. É da própria população. Em geral, é ambição demais. São os fazendeiros. A maioria das vezes culpam os governantes, mas não é.”

(Palmas, Misto, acima 25 anos, classe C)

O único aspecto citado de alguma responsabilização do Estado diz respeito à necessidade de melhorar a “fiscalização” das queimadas e do desmatamento. Em algumas cidades, como Amapá e Cuiabá, os participantes relataram que há afrouxamento das regras porque os grandes empresários do agronegócio possuem conexões políticas, ou, ainda se modo mais direto, eles mesmo constituem a classe política local.

“O órgão responsável por cuidar da Amazônia, que é o Ministério do Meio Ambiente não faz um bom trabalho. Hoje não tem uma fiscalização em si. Uma fiscalização firme quanto ao desmatamento, contra a retirada de madeiras ilegais, o garimpo. Isso tudo atinge o meio ambiente.”

(Boa Vista, Misto, até 25 anos, classe C)



3.3 A RESPONSABILIDADE PELA CLIMA E MEIO AMBIENTE - CITAÇÕES

“É tudo uma questão de educação. O problema é que mexer no meio ambiente não é uma coisa que as pessoas veem. E os políticos querem fazer coisas que as pessoas vejam. Eu acho que dá para fazer as duas coisas, mas a gente precisa conversar mais., porque sem o meio ambiente a gente não é nada.”

(Cuiabá, Misto, até 25 anos, classe C)

“Eu acho que tem muita política no meio do desmatamento. Tem muita ONG que se beneficiava com esse tipo de situação. Em relação à Amazônia, Bolsonaro não sabe se expressar. Ele fala coisas que não devia ser falado. Mas tem coisas que ele fala certo. Aqui no Brasil muita gente se beneficiou da Amazônia. Com essa questão da madeira.”

(Rio Branco, Misto, acima 25 anos, classe C)

“A culpa é de todo mundo. Nossa população, os governantes, as empresas... principalmente as empresas, porque algumas têm consciência, outras não.

(Porto Velho, Misto, acima 25 anos, classe C)

“Tem que ser no coletivo, tanto os políticos como nós temos que cuidar do meio ambiente. Eles têm que fazer a parte deles e nos a nossa. Quando o prefeito instala lixeira na cidade, precisamos jogar na lixeira o lixo.”

(Porto Velho, Misto, até 25 anos, classe C)



3.4 ELEIÇÕES 2022 E A IMPORTÂNCIA DO VOTO

P17

As eleições parecem distantes e não despertam grande entusiasmo nos participantes. As atenções geralmente se concentram no pleito para o Executivo, estadual e federal. A política eleitoral é considerada chata e desmotivante para a grande maioria. O desânimo com a classe política predomina. Contudo, há quem afirme ser importante prestar a atenção nas promessas dos candidatos e valorize o ato do voto.

Não foram identificadas diferenças de motivação/engajamento entre jovens e adultos. Também não foram perceptíveis diferenças entre as cidades da pesquisa quanto a esse tópico..

“A gente vive uma eleição de pão e circo. Esse ano é um ano de Copa do Mundo, talvez tenha Carnaval. Aqui no meu estado, eles deixam para fazer algo só em época de eleição. Porque é na época de eleição que eles vão ludibriar as poucas pessoas.”

(Boa Vista, Misto, até 25 anos, classe C)

“Tenho muito preguiça de falar de política. Fiquei bem frustrada com o governo federal, com a Covid, as falas. É algo que a gente vai botar na balança. A pandemia pesou muito. Houve falta de respeito com as pessoas que perderam entes queridos. E aí a pessoa vai se queimando.”

(Manaus, Misto, até 25 anos, classe C)



3.4 ELEIÇÕES 2022 E A IMPORTÂNCIA DO VOTO - CITAÇÕES

“Eu não acompanho muito essa parte política. É uma coisa que é importante, que a gente tem que acompanhar. O que importa mais na área política é a conscientização do voto. Muitas pessoas jogam a culpa no político. Mas elas têm que pensar antes de votar. Tem muita pessoa que vai, vende o voto. Aí não pode reclamar, não tem do que reclamar. Pois ao vender o voto dela, está vendendo a cidade dela, o país dela.”

(Cuaibá, Misto, acima 25 anos, classe C)

“Eu não voltei na última vez. As pessoas falam que vão fazer e não fazem. Só para ganhar dinheiro mesmo. Eu não votei na eleição de presidente passada. Também não votei na de prefeito. Fazer o quê?”

(Porto Velho, Misto, até 25 anos, classe C)

“Eu acompanho porque minha família toda é envolvida em política. Nosso presidente até hoje aproveita para fazer as coisas debaixo do pano. Eu voto desde os 16 anos. Se você faltar você está se abstendo de qualquer decisão.”

(Belém, Misto, até 25 anos, classe C)

“Tem um sentimento de que estamos perdidos. Todos aqueles acontecimentos do ano passado. Nós jovens estamos perdidos. Eu não digo se eu vou votar no Lula ou no Bolsonaro, estou analisando ainda os fatos. Não existe político verdadeiro, todos são corruptos. A gente não sabe em quem acreditar.”

(São Luís, Misto, até 25 anos, classe C)



3.5 A ESCOLHA DO VOTO E A TEMÁTICA AMBIENTAL

É consenso que a temática ambiental não integra o conjunto de motivações para o voto, independente do cargo em disputa. Os participantes avaliam que o assunto não faz parte das promessas dos candidatos porque “não dá voto”. Na visão dos entrevistados os políticos optam por “temas clássicos” como obras, saúde, segurança e educação. Avaliam que não há oferta de candidaturas com a pauta ambiental. As exceções lembradas são a ex-ministra Marina Silva (especialmente citada em Rio Branco), o Partido Verde (o deputado Sarney filho citado em São Luís), a senadora Kátia Abreu (citada pela ótica negativa em Palmas) e o senador Randolfe Rodrigues (citado em Macapá).

Tangencia essa discussão algumas menções a políticos, especialmente vereadores e deputados estaduais, que têm como agenda a “pauta dos direitos dos animais, assunto que desperta a atenção de vários participantes, especialmente os mais jovens.

“A gente vive uma eleição de pão e circo. Esse ano é um ano de Copa do Mundo, talvez tenha Carnaval. Aqui no meu estado, eles só deixam para fazer algo em época de eleição. Porque na época de eleição que eles vão ludibriar as poucas pessoas.”

(Boa Vista, Misto, até 25 anos, classe C)

“Tenho muito preguiça de falar de política. Fiquei bem frustrada com o governo federal, com a covid, as falas. É algo que a gente vai botar na balança. A pandemia pesou muito. Houve falta de respeito com as pessoas que perderam entes queridos. E aí a pessoa vai se queimando.”

(Manaus, Misto, até 25 anos, classe C)



3.5 A ESCOLHA DO VOTO E A TEMÁTICA AMBIENTAL - CITAÇÕES

“Até existem pessoas que querem fazer a diferença, em termos de desmatamento, etc. Mas a sociedade política está tão corrompida, que essas pessoas acabam se rebaixando para conseguir entrar.”

(Palmas, Misto, até 25 anos, classe C)

“Em geral, nunca vi um candidato que fizesse um discurso em favor do meio ambiente. Em geral, a população não olha muito isso. Por isso que eles não fazem discurso, eles não acham que isso é muito necessário. Eles não usam muito. Mas nós estamos numa modinha agora. Eu acho que eles vão começar a usar essa fala. Eu acho que essa questão deveria ser importante, é importante. Mas deveria ser importante a todo o tempo. Que bom que começou agora.”

(Palmas, Misto, acima 25 anos, classe C)

“Não tem ninguém. A não ser o senador Randolfe, que está sempre envolvido as questões relacionadas ao Brasil. Ele é um dos que poderiam levantar essa bandeira. E fazer alguma coisa.”

(Macapá, Misto, acima 25 anos, classe C)

“Não escuto quase nada sobre isso nas campanhas. Só sobre obra, educação e saúde, o resto eles deixam para lá. Eu não vejo eles prometerem nada disso na campanha, não sobre o meio ambiente. Eles não têm isso como prioridade. Eles parecem que não se interessam por essas questões.”

(São Luís, Misto, acima 25 anos, classe C)



4. HÁBITOS DE CONSUMO DE INFORMAÇÃO



4. MEIOS DE INFORMAÇÕES E NOTÍCIAS

P22

As redes sociais são as fontes preferidas para a obtenção de informações e notícias sobre o universo da política. Porém, a televisão – especialmente os telejornais – se mantém como fonte de informação para uma significativa parcela dos entrevistados.

Chamou a atenção que os participantes se dividem sobre a percepção da cobertura da temática ambiental na televisão: para alguns há um volume expressivo de notícias, para outros o tema receberia pouca atenção, dada a sua importância.

Vale destacar que diversos participantes ao comentarem sobre algum evento relacionado ao tema ambiental geralmente utilizam, como prova de veracidade, a frase “passou em todos os jornais”.

“De uns tempos para cá, o jornalismo ficou meio chato, depois dessa briga política. De um tempo pra cá, não muda o assunto do jornalismo. É só Bolsonaro, Bolsonaro, Bolsonaro, Bolsonaro. Meu forte mesmo é acompanhar pela internet.”

(Boa Vista, Misto, até 25 anos, classe C)

“Acho que nunca teve jornalismo imparcial, mas a gente só está percebendo isso agora. Antes só tinha rádio e depois TV Globo, a Globo mandava em tudo. Com a tecnologia da internet, a enxurrada de informação, eu vejo TV pela internet. A gente é que não sabia que eles eram sempre tendenciosos. Sempre têm um puxadinho prum lado ou pro outro.”

(Palmas, Misto, acima 25 anos, classe C)



5. BLOCO ESTADUAL: IDENTIDADE E QUESTÕES LOCAIS



5.1 BLOCO ESTADUAL: IDENTIDADE E QUESTÕES LOCAIS (MANAUS-AM)

P24

Em Manaus, os participantes foram estimulados, a partir de um vídeo, a refletir sobre sua identidade com o estado do Amazonas e a região, e sobre as formas que a mesma ocorre. Não houve ênfase em tal sentimento/identidade por parte dos participantes, mas forte ambiguidade: avaliam que é importante que a população local se orgulhe mais de suas origens, mas acreditam serem vistos de maneira estereotipada e preconceituosa por estrangeiros e brasileiros de outras regiões. Ou seja, a identidade que os diferencia seria a mesma que baseia o preconceito.

*“Com certeza há preconceito contra a região. O pessoa acha que a gente anda nu, que somos índios, que não temos cultura.”
(Manaus, Misto, acima 25 anos, classe C)*

É importante destacar que há declarações de orgulho e de prazer em viver na região.

*“Eu me identifico com a questão do sol. Não tenho problema de andar no sol, trabalhar no sol. Manaus é quente. As pessoas de Manaus só trabalham se for em um emprego, já no interior não temos preferência.”
(Manaus, Misto, até 25 anos, classe C)*

LINK DO VÍDEO:

https://www.youtube.com/watch?v=Zg_6uD8A6Ks



5.1 BLOCO ESTADUAL: IDENTIDADE E QUESTÕES LOCAIS (MANAUS-AM)

P25

Outro assunto de debate na capital do Amazonas tratou da importância em elementos de para o voto. Foi consensual entre os participantes a posição de que aspectos da identidade dos candidatos (cor/etnia/nascido na região) não são (ou não devem ser) levados em conta na hora do voto. O que deve contar, segundo essa narrativa, é são as propostas e o perfil honesto do candidato.

Salientam ainda que não levam em consideração se o candidato é de esquerda ou direita, mas o que ele tem a oferecer.

“Vai ser meu primeiro voto. Mas acho que isso não tem nada a ver. Ele pode representar as pessoas de uma tribo, mas isso não tem nada a ver. O importante é o que ele vai fazer e o caráter dele.”

(Manaus, Misto, até 25 anos, classe C)

“Para mim isso não deveria influenciar. O caráter é que deve influenciar, mas não se é negro ou índio.”

(Manaus, Misto, acima 25 anos, classe C)



5.2 BLOCO ESTADUAL: IDENTIDADE E QUESTÕES LOCAIS (BELÉM- PA)

P26

Em Belém, os participantes foram estimulados, a partir de um vídeo, a refletir sobre a atividade de garimpo ilegal e o comportamento dos parlamentares frente ao tema. Avaliam que a questão é complexa e que não existe “certo ou errado”. Ao mesmo tempo, não conseguem avaliar objetivamente a atuação dos parlamentares. Fazem ponderações sobre o uso exploratório e criminoso ao mesmo tempo que levantam o ponto da necessidade de sobrevivência dos moradores que exercem o garimpo.

“Como está na terra, não tem dono. [O garimpo] poderia até ser liberado, mas de forma consciente. Com um certo controle. Para poder fazer isso. Todo mundo precisa trabalhar. Mas usam muito mercúrio, afeta o peixe, a água. Precisava de uma política para isso mesmo, que é coisa que não temos.”
(Belém, Misto, acima 25 anos, classe C)

A melhor saída para o problema seria a fiscalização e o controle pelos órgãos estaduais e federais.

“É complicado quando a gente fala sobre políticas em geral. Envolve dinheiro. Portanto, existe muita participação a favor dos políticos. Eu conheci uma pessoa que sobrevivia disso. É complicado. Existem pessoas que sofrem com isso, alagamento, tudo mais. Não é pensado no todo.”
(Belém, Misto, até 25 anos, classe C)

LINK DO VÍDEO:

<https://www.youtube.com/watch?v=w2NJ3EDaVq8>



5.2 BLOCO ESTADUAL: IDENTIDADE E QUESTÕES LOCAIS (BELÉM- PA)

P27

O segundo vídeo em Belém tratou do massacre de Carajás e a percepção da resolução dos conflitos agrários, por parte do governo e demais órgãos, que ainda acontecem no estado. A maioria disse desconhecer com profundidade a questão, por se tratar de algo que tem pouca repercussão na mídia e está longe da cidade em que vivem. Há quem acredite que o poder financeiro é predominante sobre a política.

“Como vivemos na cidade, não temos notícia a respeito. Mas eu trabalhei no interior. Cheguei a trabalhar em locais complicadíssimos na questão de acesso. Lá a realidade é totalmente diferente. Tudo gira em torno do dinheiro. Não tem muito interferência da política. Tudo quem manda é quem tem dinheiro.”

(Belém, Misto, acima 25 anos, classe C)

Houve ainda uma discussão sobre a importância do voto em minorias representativas. O grupo de jovens defendeu de modo mais enfático a necessidade de eleger mais negros no estado e também mais mulheres..

“A fiscalização é bem complicada. Não há demanda, não há pessoas suficientes para fazer esse tipo de fiscalização. Eu acredito que não há o interesse das pessoas com poder aquisitivo. Como elas mandam e desmandam, elas mesmo barram essa fiscalização.”

(Belém, Misto, acima 25 anos, classe C)

LINK DO VÍDEO:

<https://www.youtube.com/watch?v=iSEK4Ap6XC0>



5.3 BLOCO ESTADUAL: IDENTIDADE E QUESTÕES LOCAIS (PALMAS- TO)

P28

Em Palmas, os participantes foram estimulados, a partir de um vídeo, a avaliar a exploração dos Parques Estaduais por empresas privadas. A quase totalidade dos participantes acredita que as populações residentes deveriam ser beneficiadas, pois dependem desse trabalho para o sustento das famílias. Há quem acredite que uma saída seria oferecer compensações para que as comunidades do entorno dos parques não sejam desamparadas com a concessão estadual.

“Graças a Deus que o governador atual não aceitou a concessão. Eu tive a oportunidade de conhecer o Jalapão. A concessão para a empresa explorar o turismo lá vai criar estrada, desmatamento. Vai acabar o encanto do lugar.”

(Palmas, Misto, acima 25 anos, classe C)

Outro ponto do debate foi a falta de discussão ampliada sobre o tema. O assunto obteve uma cobertura muito pontual da mídia, sem a participação da sociedade.

“Eu acompanhei pelo noticiário e acredito que o que pegou bastante foi quando surgiu na mídia. Essa questão do Jalapão poderia ser feita como em outros lugares do Brasil, as pessoas do estado ganham royalties pela exploração que gera lucro.”

(Palmas, Misto, até 25 anos, classe C)

LINK DO VÍDEO:

<https://www.youtube.com/watch?v=fhG556dgrOY>



5.3 BLOCO ESTADUAL: IDENTIDADE E QUESTÕES LOCAIS (PALMAS- TO)

P29

O segundo vídeo em Palmas tratou das queimadas na Ilha do Bananal. Muitos participantes, especialmente no grupo de jovens, não conhecia a situação. Instados a falar se a ocupação de áreas pelo agronegócio é prejudicial ao meio ambiente avaliam que daria para conciliar desenvolvimento com preservação. Porém, na prática existe o predomínio dos interesses dos grandes produtores, com uma produção agressiva e prejudicial ao planeta.

A instabilidade política – cassações de governadores – em um estado tão novo é avaliada como prejudicial, mas de difícil solução pois está relacionada ao poder econômico no Tocantins. Vários participantes acreditam que o coronelismo persiste.

LINK DO VÍDEO:

<https://youtu.be/NF6FlxZ6iPs>

*“Ao contrário do que diz o presidente o clima do Bananal é úmido, mas pega muito fogo.”
(Palmas, Misto, acima 25 anos, classe C)*

*“10% do que se produz vem pra gente, o resto vai pra fora. Não há necessidade de toda essa produção, pois não aproveitamos ela. Não é pro bem. Essa conversa de desmatar para dar de comer é mentira. Os agros estão interessados na grana. Esse discurso de agronegócio desenvolver o estado do Tocantins é conversa. Usaram essa terra barata, saíram do Rio Grande do Sul, região de terras boas. Gradeou, derrubou tudo. Passou por cima. Botou o agronegócio e agora só ficamos com o desmatamento.”
(Palmas, Misto, acima 25 anos, classe C)*



5.4 BLOCO ESTADUAL: IDENTIDADE E QUESTÕES LOCAIS (BOA VISTA- RR)

Em Boa Vista, os participantes foram estimulados a discutir sobre o grande número de imigrantes venezuelanos no estado e o papel dos políticos, governos e sociedade civil. Existe uma percepção de que os imigrantes possuem mais benefícios que a própria população da cidade/estado. Há ressalvas sobre a necessidade de acolhimento, contudo predomina a visão de que as políticas públicas, especialmente na área da saúde e segurança, ficaram sobrecarregadas com a nova demanda, o que acaba por prejudicar os roraimenses. A responsabilidade principal de resolução seria do governo federal.

A chegada dos imigrantes teria afetado o valor da hora paga aos trabalhadores, tendo em vista que os venezuelanos aceitam trabalhar em condições precarizadas, fazendo com que o piso salarial no estado caia.

“Antes de mais nada, tem que levar em conta que eles são humanos. Eles estão aqui por necessidade. Ninguém quer sair da sua casa, abandonar sua família. Ir para outro lugar. Para começar do zero. O problema é que nesse barco veio muita gente errada. Os políticos deveriam criar programas para tirar esse povo do nosso estado, mover eles para outros estados, onde eles tenham mais oportunidades. Se você sair de casa com o telefone aqui, você não volta.”

(Boa Vista, Misto, acima 25 anos, classe C)

“Os imigrantes afetaram muito a questão da saúde aqui. Porque só com a gente já tinha muita demanda. A saúde ficou muito mais precária com a imigração. A criminalidade também aumentou muito com os imigrantes. Afetou, de muitas formas.”

(Boa Vista, Misto, até 25 anos, classe C)



5.4 BLOCO ESTADUAL: IDENTIDADE E QUESTÕES LOCAIS (BOA VISTA- RR)

Os participantes também foram questionados sobre o sentimento de ser um amazônida vivendo em Roraima. Destaca-se a ausência de compreensão do termo e de identidade. Existe sim um forte orgulho de ser roraimense, e de modo ainda mais especial, um cidadão de Boa Vista. A cidade é avaliada de modo positivo, especialmente por sua organização, que proporcionaria uma boa qualidade de vida a seus habitantes.

Mesmo com a explicação da moderadora sobre o termo amazônida os participantes insistem em falar do estado de Roraima e da cidade de Boa Vista, deixando clara a ausência de uma identidade regional.

“Eu sou roraimense. Eu não penso em sair daqui de jeito nenhum. Aqui é bem mais tranquilo. Tem venezuelano que rouba, tem brasileiro que rouba, tem. Mas como tem outros lugares, gente que vão roubar.”

(Boa Vista, Misto, até 25 anos, classe C)

“As coisas no estado são maravilhosas. Viver em Roraima é muito tranquilo. Boa Vista é conhecida como a capital dos rios, aqui é muito ventilado, é muito sol. Eu não tenho vontade de voltar para minha cidade. Aqui tem muitos lugares lindos.”

(Boa Vista, Misto, acima 25 anos, classe C)



5.5 BLOCO ESTADUAL: IDENTIDADE E QUESTÕES LOCAIS (SÃO LUÍS- MA)

P32

Em São Luís, os participantes foram estimulados, a partir de um vídeo, a discutir sobre incêndios criminosos e assassinato de lideranças do campo. Existe, de modo predominante, empatia com a situação precária dos índios (tema dos vídeos), mas vale destacar a distinção que fazem entre “eles” e “nós”, sem proximidade ou identidade.

Residualmente há menções ao suposto modo de vida luxuoso dos índios – que seriam donos de caminhonetes Hilux –, e que o interesse dos mesmo seria estritamente financeiro e não na preservação da terra.

Foi mencionado que um problema crônico na região é a ausência de fiscalização do IBAMA e demais órgãos, em ocupações irregulares das terras indígenas.

[LINK DO VÍDEO:](#)

“Eu já vi os índios fazendo um protesto na estrada. Eu viajo muito pelo interior, como eu já disse. Os índios fecharam a estrada e não passava. Os fazendeiros tinham queimado uma área deles. Os fazendeiros estavam querendo tomar a propriedade deles. E eles fizeram esse protesto.”

(São Luís, Misto, até 25 anos, classe C)

“Esse mercado é muito rico, envolve muita gente rica. As pessoas não querem muito se envolver. Infelizmente, tudo é culpa do dinheiro. Muita gente se beneficia. Muita gente grande que tem dinheiro de verdade. E a gente só fica ouvindo os rumores. Mas nunca é muito, muito noticiado.”

(São Luís, Misto, acima 25 anos, classe C)



5.5 BLOCO ESTADUAL: IDENTIDADE E QUESTÕES LOCAIS (SÃO LUÍS- MA)

O segundo vídeo de estímulo mostrou o uso agressivo de agrotóxicos causando doenças severas na população residente em áreas rurais. O sentimento geral é de indignação e solidariedade aos atingidos. Porém, não conseguem explicitar soluções para o problema.

“O pior é que o pessoal só quer saber da plantação deles. E não estão vendo o povo ao redor, que estão sendo prejudicados. Eles nem se importam com isso. Só querem saber da produção deles, o que eles tão fazendo aí é errado demais.”

(São Luís, Misto, acima 25 anos, classe C)

Alguns participantes questionam a fonte do vídeo, pois não teriam visto esse tema “passar na televisão”.

“Eu falei, o desenvolvimento da Amazônia poderia se dar de forma totalmente sustentável. Mas, ao contrário, eles fazem esse negócio de jogar veneno por avião. Que afeta os indígenas.”

(São Luís, Misto, até 25 anos, classe C)

[LINK DO VÍDEO:](#)



5.6 BLOCO ESTADUAL: IDENTIDADE E QUESTÕES LOCAIS (CUIABÁ- MT)

P34

Em Cuiabá, o trabalho dos vereadores, deputados estaduais, federais em relação ao meio ambiente foi avaliado pelos participantes. É consenso que os parlamentares das cidades e do estado não tocam nessa agenda e não se preocupam do tema.

Alguns entrevistados fazem a mea-culpa, acreditam que é uma falha dos cidadãos não acompanhar – nem cobrar – o trabalho dos parlamentares.

Somente quando acontecem queimadas no Pantanal é que o debate sobre o clima e o meio ambiente ganha a atenção dos políticos e também da população. Afora esses momentos, existe o silêncio.

“O meio ambiente não é muito assunto aqui não, mas com as queimadas de vez em quando a gente conversa, principalmente com a família.”

(Cuiabá, Misto, até 25 anos, classe C)

“Na época das queimadas do Pantanal, foi uma grande mobilização. Se isso não tivesse ido para os meios de comunicação, ia passar despercebido. Tenho certeza que lá no Pantanal tem queimada agora. Assim como em Cuiabá está tendo queimadas, mas a gente não está vendo.”

(Cuaibá, Misto, acima 25 anos, classe C)



5.6 BLOCO ESTADUAL: IDENTIDADE E QUESTÕES LOCAIS (CUIABÁ- MT)

P35

Os participantes também foram questionados sobre o tratamento dado às populações tradicionais (ribeirinhos, seringueiros, quilombolas) e indígenas. No grupo de adultos, há predominância da opinião de que seriam bem tratados “até demais”. Ou seja, há um ressentimento motivado pela percepção de que os residentes nas zonas urbanas teriam desvantagens, pela ausência de subsídios.

Entre os mais jovens há menções à importância em proteger essas populações. Contudo, esses participantes também revelam grande desconhecimento sobre o assunto.

Em Cuiabá os entrevistados mostraram forte percepção de distinção entre a vida que levam, essencialmente urbana, e a vida dos demais cidadãos do estado do Mato Grosso das áreas rurais.

“Aqui em Cuiabá a gente não sabe muito. Só quando acontece algo que é notícia. Eu também acho que deveria dar mais atenção para eles. Mas não é muito comentado aqui em Cuiabá. Eles deviam ter mais assistência.”

(Cuiabá, Misto, até 25 anos, classe C)

“Na minha opinião, eles são super bem tratados. Eles têm um salário mensal, eles têm tratamento especial, tem bolsa na faculdade. Com certeza, os índios estão melhores que o cuiabano. Eu vejo eles andando de caminhonete aí. Estão até melhores que os fazendeiros.”

(Cuaibá, Misto, acima 25 anos, classe C)



5.7 BLOCO ESTADUAL: IDENTIDADE E QUESTÕES LOCAIS (RIO BRANCO-AC)

P36

Em Rio Branco, os participantes avaliaram o agronegócio (produção agrícola) como modelo de desenvolvimento para o estado. De modo predominante, acreditam que esse modelo é favorável aos empresários do setor e não à população, especialmente com a alta do dólar. O modelo é visto como um arranjo entre políticos e empresários.

Também acreditam que o modelo é inviável para a preservação ambiental.

Ainda que considerem impossível conciliar o modelo de desenvolvimento com a agenda ambiental no estado, ressaltam que seria possível um esforço se os empresários e políticos tivessem boa vontade e menos ambições.

“Acho praticamente impossível (conciliar o modelo e a proteção ao meio ambiente). O agro não cuida da proteção do solo, do meio ambiente, nem do bem-estar animal. Precisa de mais fiscalização. Se deixar ao deus-dará, vão fazer o que querem. É muito difícil conciliar.”

(Rio Branco, Misto, até 25 anos, classe C)

“O agronegócio hoje é o carro chefe do governo. O problema é que o dólar disparou e para o brasileiro que vive do salário mínimo, fica mais complicado. Para os empresários, isso é muito bom. Os produtos são muito ao redor do dólar. É bom para os empresários, mas para a grande massa da população é ruim.”

(Rio Branco, Misto, acima 25 anos, classe C)



5.7 BLOCO ESTADUAL: IDENTIDADE E QUESTÕES LOCAIS (RIO BRANCO-AC)

P37

Os participantes também foram questionados se a identidade do povo acreano e seu modo de vida é vinculado aos povos tradicionais. Nos dois grupos realizados na cidade de Rio Branco as respostas foram negativas. Avaliam que processos migratórios descaracterizaram o que um dia foi a “identidade acreana” tradicional. É destaque a percepção de que sofrem preconceito – ainda que de modo cômico – do resto do país, piadas como “o Acre não existe” são repetidamente ouvidas. Ainda que indiretamente, rejeitam a existência de uma identidade acreana.

Os mais jovens levam com humor as piadas sobre o Acre, especialmente nas redes sociais. Já os mais velhos avaliam a questão como preconceito.

“17 anos atrás, quando era criança, isso era muito celebrado. Por ações governamentais, Secretaria de cultura, isso era muito presente. Nos últimos 10 anos vem ocorrendo um processo migratório. Muitas pessoas do sul e sudeste mudam para cá. Quanto mais pessoas vêm para cá, as pessoas querem transformar essa cidade, que era uma cidade da Amazônia, em uma cidade de outro tipo. E essa identidade vem sendo deixada de lado.”

(Rio Branco, Misto, até 25 anos, classe C)

“As pessoas de fora veem os acreanos como de fora, como se fosse só floresta. É muito estereótipo. O Acre é cheio de diversidade, o povo é muito diversificado.”

(Rio Branco, Misto, acima 25 anos, classe C)



5.8 BLOCO ESTADUAL: IDENTIDADE E QUESTÕES LOCAIS (PORTO VELHO- RO)

P38

Em Porto Velho, os participantes avaliaram se Rondônia é estado amazônico ou com mais características de um estado pertencente ao centro-oeste brasileiro. Foi unânime a primeira opção, um estado amazônico.

Consideram Rondônia culturalmente um estado típico do norte, e que em nada se assemelharia ao centro-oeste.

O tamanho da população também é mencionado como uma distinção importante das demais regiões do país.

“Totalmente amazônico. Fiz um curso de medicina integrativa para incentivar os costumes da Amazônia. A gente tem que resgatar essa cultura. Eu acredito muito nessa região.”

(Porto Velho, Misto, até 25 anos, classe C)

“Somos integralmente da região amazônica. Tem uma apropriação cultural da gente, é muito grande, que vem do pessoal de São Paulo. É totalmente amazônica.”

(Porto Velho, Misto, acima 25 anos, classe C)



5.8 BLOCO ESTADUAL: IDENTIDADE E QUESTÕES LOCAIS (PORTO VELHO- RO)

P39

Na sequência, foram questionados sobre a mineração e o garimpo em terras indígenas e áreas de preservação ambiental. Acreditam que somente uma política “revolucionária” poderia resolver o problema, em especial o garimpo. Não identificam a existência de políticas de fiscalização eficientes e medidas de sustentabilidade no estado.

O IBAMA e a Polícia Federal costumam executar ações e batidas na região, mas a percepção é de que nada adianta, já que em pouco tempo acontecem as mesmas irregularidades.

“Temos que botar grandes empresas para fazer isso daí de maneira sustentável, para não prejudicar o meio ambiente. Tem muito interesse no garimpo. Se fizer coisas de maneira mais transparente, podia funcionar para todo mundo ganhar. Rondônia era o maior exportador de cassiterita. Não existe mais nada hoje.

(Porto Velho, Misto, acima 25 anos, classe C)

“Em relação ao garimpo, não tem como preservar. Em relação à pecuária, acho que sim. Se eles quiserem ter. Mas a mineração é mais difícil. Acho que não tem como. Acho que teria que ser extinta mesmo. A mineração aqui na nossa região é totalmente ilegal.”

(Rio Branco, Misto, até 25 anos, classe C)



5.9 BLOCO ESTADUAL: IDENTIDADE E QUESTÕES LOCAIS (MACAPÁ- AP)

Em Macapá, os participantes foram estimulados, a partir de um vídeo, a discutir sobre o apagão de energia elétrica que aconteceu em novembro de 2020. Consideram que houve um erro da companhia de energia, governo estadual e federal na gestão da crise.

De modo predominante o governo federal recebeu as maiores críticas, pois teria condições de resolver o problema mais rapidamente.

O evento foi extremamente marcante para a população, os relatos de perda de alimentos e transtornos são inúmeros. A população teria se sentido totalmente abandonada.

LINK DO VÍDEO:

https://www.youtube.com/watch?v=-0nK-H9q_8I&t=79s

“Acredito que a responsabilidade é do governo federal. Ele devia ter entrado quando aconteceu de fato. Acho que os gestores tiveram grande responsabilidade. É uma companhia de eletricidade, ninguém estava esperando. Não era para o estado ter passado pela situação que passou. Foi por uma falta de manutenção que causou isso. Companhia, governo federal, estado.”

(Macapá, Misto, acima 25 anos, classe C)

“A gente quer sempre achar o culpado. O governo local aqui. Ele sabe da questão. Sabe do que está acontecendo. Poderia ter tomado uma providência. Federal também poderia ter dado uma ajuda maior para todo mundo. A empresa também sabia que poderia acontecer uma pane dessa proporção. Tem que ter outras alternativas.”

(Macapá, Misto, até 25 anos, classe C)



5.9 BLOCO ESTADUAL: IDENTIDADE E QUESTÕES LOCAIS (MACAPÁ- AP)

R41

Na sequência, foram questionados sobre o significado de “ser um amazônida”. A identidade é assumida pela grande maioria dos participantes, citam o modo de vida conectado a natureza e a linguagem como demonstrações desse estilo de viver.

Os rios, a culinária e a floresta são citados como motivos de orgulho. Gostam de dizer que “são do norte” quando interagem com pessoas de outras localidades.

Macapá foi a única cidade em que os entrevistados responderam enfaticamente que se identificam com o termo amazônida.

“O termo tucuju, o tema amazônida. Está muito dentro. Nossa realidade, nosso cotidiano, nossa alimentação. Aqui o açaí faz parte do nosso almoço. Do nosso cotidiano. É peixe, peixe frito, peixe cozido. O peixe que acabou de se pescar. A nossa linguagem.”

(Macapá, Misto, acima 25 anos, classe C)

“Eu me identifico com esse termo porque acho que nós temos um jeito singular de viver costumes próprios. Querendo ou não, a gente é identificado dessa forma.”

(Macapá, Misto, acima 25 anos, classe C)

“Eu tenho muito orgulho de ser do norte, me identifico bastante. Gosto de falar da política, eu gosto de falar da minha região, tem essa questão cultural, essa coisa da natureza. De buscar sempre estar próximo daquilo que é natural, os rios, lugares abertos. Está enraizado.”

(Macapá, Misto, até 25 anos, classe C)



6. CONSIDERAÇÕES TÓPICAS



1. A POLITIZAÇÃO DA TEMÁTICA AMBIENTAL

O tema não surgiu espontaneamente quando os participantes foram instados a refletir sobre sua atual condição e os problemas da vida cotidiana.

P43

- O tema das queimadas surge também como ponte entre o tema ambiental mais amplo, aquecimento global e desmatamento. Novamente há uma forte conexão com problemas concretos, como o aumento de problemas respiratórios da população, e principalmente das crianças.*
- Inundações são outro tema concreto muito frequente citado pelos habitantes das capitais da Amazônia Legal. Novamente, não há muita elaboração acerca de suas causas, mas os participantes atribuem o problema ao desequilíbrio do regime de chuvas que, por seu turno é consequência da crise ambiental.*
- Problemas urbanísticos são citados com alguma frequência, principalmente o desmatamento de áreas e parques contíguos à cidade, o que contribuiria para o aumento da temperatura.*
- Outro problema urbanístico citado em algumas cidades são os deslizamentos em áreas à beira dos rios, também atribuídos ao excesso de chuvas.*



1. A POLITIZAÇÃO DA TEMÁTICA AMBIENTAL

O tema não surgiu espontaneamente quando os participantes foram instados a refletir sobre sua atual condição e os problemas da vida cotidiana.

- Quando instados a abordar o assunto, muitos mostraram dificuldade de elaborar temas que requerem conhecimentos técnicos complexos.*
- Quanto mais concreto o tema relacionado ao meio ambiente, quanto mais próximo da realidade da vida cotidiana das pessoas, maior sua inteligibilidade.*
- Por exemplo, quando instados a falar sobre aquecimento global, os participantes não manifestaram conhecimento do tema como um todo, mas rapidamente conectaram a expressão à percepção de que as estações do ano estão cada vez mais extremas, particularmente o calor do verão.*
- A percepção de que o clima de região amazônica, que já é tradicionalmente quente, está ainda mais quente, e que isso tem alguma coisa a ver com a questão ambiental, é disseminada.*
- Mesmo o tema do desmatamento, que é muito menos complexo e muito citado, frequentemente vem ligado ou à sensação de aumento do calor ou às frequentes nuvens de fumaça que engolfam as cidades da região.*



2. SITUAÇÃO COMUNICACIONAL DA QUESTÃO AMBIENTAL

Crescente uso das redes sociais, mas ainda forte papel da televisão, e ao mesmo tempo desconfiança em relação aos meios tradicionais da parte dos simpatizantes de Bolsonaro

- Registra-se um consumo razoável de mídias locais e regionais em todas as cidades, não somente por meios tradicionais, como TV aberta e rádio, mas também por sites e portais noticiosos.*
- Percepção de que a questão ambiental só ganha relevância quando é pautada pela imprensa e que, portanto, atividades como desmatamento, ocupação ilegal de terras indígenas, garimpo, etc., que muitas vezes acontecem em áreas remotas, são frequentemente ignoradas pela população urbana.*
- Percepção de que os meios de comunicação não dão prioridade para a pauta ambiental, ou tem um comportamento intermitente, dando às vezes relevância a essa pauta para logo mais escondê-la.*



3. IDENTIDADE AMAZÔNIDA

O tema foi tratado com certa indiferença, senão resistência em quase todos os grupos.

- As identidades estaduais se revelaram bem pronunciadas, assim como as municipais, mas não uma identidade regional baseada em um pertencimento comum à Amazônia.*
- Em várias cidades apareceu a tensão entre uma identidade urbana e uma suposta identidade amazônida, termo desconhecido pela quase totalidade dos participantes.*
- Como o termo Amazonas é identificado com a floresta, a natureza, a fauna e a flora, os participantes muitas vezes colocaram-se em um espaço outro, como se a Amazônia fosse a floresta, e eles, por serem seres urbanos, estivessem fora dela.*
- A afirmação da identidade urbana, por seu turno, se conecta à rejeição do preconceito por parte de estrangeiros e brasileiros de outras regiões, do qual se sentem vítimas, pois esse preconceito os conecta exatamente aos elementos "naturais" da amazônia. Em outras palavras, a identidade amazônida parece confirmar os preconceitos daqueles que os veem como índios que andam nus e vivem no meio do mato.*



3. IDENTIDADE AMAZÔNIDA

O tema foi tratado com certa indiferença, senão resistência em quase todos os grupos.

- Traços desse "complexo identitário" aparecem também no próprio entendimento da expressão Amazônia. Muitos participantes imediatamente a tomavam como sinônimo de "estado do Amazonas", e não como uma região com vários estados. Mesmo quando alertados sobre a diferença, retornavam a uma postura de não-pertencimento, não identificação, particularmente nos grupos que não ocorreram em Manaus.*
- Alguns participantes manifestaram inclusive a estratégia de adotarem como identidade exatamente os estereótipos que os sudestinos lhes conferem, uma forma de resistência pela ironia, já utilizada em movimentos sociais ao redor do mundo, como o Queer.*



4. POVOS TRADICIONAIS

Os povos tradicionais muitas vezes são tratados no registro narrativo do "eles/nós", ou seja, eles não fariam parte da identidade dos participantes.

- A percepção dos povos tradicionais da Amazônia, particularmente indígenas e ribeirinhos, parece estar ligada ao complexo identitário descrito no item anterior, que combina as tensões polares do urbano-rural (silvícola) e do norte-sul.*
- Isso parece estar ligado ao fato de que uma identificação mais forte com esses povos estaria cancelando a identidade urbana e confirmando os preconceitos dos brasileiros das outras regiões.*
- O nível de solidariedade com os povos tradicionais manifestada pelos participantes foi em geral bastante baixo.*
- Houve até quem acusasse os indígenas de serem ricos e de gozarem privilégios em excesso, conferidos pelo Estado brasileiro.*



5. RESPONSABILIDADE PELA CRISE AMBIENTAL

Ao discutirem a responsabilidade diante dos problemas do aquecimento e do meio ambiente é praticamente consensual a opinião de ela recai sobre todos – cidadãos, políticos e empresas.

- Entretanto, o discurso mais frequente e enfático foca na responsabilidade individual dos cidadãos, no sentido generalista de que “todos precisam fazer a sua parte”.*
- Já os empresários, especialmente os grandes pecuaristas, são lembrados na sequencia como culpados e responsáveis, devido a sua ganância e ambição.*
- Chama a atenção a ausência de falas mencionando a necessidade de políticas públicas para o tema. Essa postura extremamente individualista, segundo a qual os problemas são da responsabilidade de cada um, acaba esvaziando o papel do Estado na regulação da questão ambiental.*
- Muitos participantes não diferenciam bem o que seria da responsabilidade individual daquilo que deveria estar a cargo de políticas públicas.*
- Vários creditam o problema ambiental à falta de educação da população e responsabilizam os políticos por não promoverem educação ambiental.*



5. RESPONSABILIDADE PELA CRISE AMBIENTAL

Ao discutirem a responsabilidade diante dos problemas do aquecimento e do meio ambiente é praticamente consensual a opinião de que ela recai sobre todos – cidadãos, políticos e empresas.

- Alguns poucos de fato citam a necessidade de mais regulação para mitigar problemas como queimadas, garimpo ilegal e desmatamento, mas são minoria.*
- Empresários e latifundiários aparecem frequentemente como vilões da questão ambiental, particularmente no que toca o desmatamento e as queimadas. Por vezes são apresentados também como aliados próximos ou mesmo membros da elite política.*
- Houve poucas referências à atuação das ONGs na Amazônia, mas todas elas bastante negativas, relacionadas a percepções de que são instrumentos de intervenção internacional em um assunto brasileiro ou mesmo defensoras de interesses econômicos escusos e ilegais.*



6. REPRESENTAÇÃO POLÍTICA DA QUESTÃO AMBIENTAL

As eleições parecem distantes e não despertam grande entusiasmo nos participantes. As atenções geralmente se concentram no pleito para o Executivo, estadual e federal.

- A política eleitoral é considerada chata e desmotivante pela maioria dos participantes. O desânimo com a classe política predomina. Contudo, há quem afirme ser importante prestar a atenção nas promessas dos candidatos e valorize o ato do voto.*
- Entre as percepções negativas está a de que os cargos políticos são monopolizados por famílias que detém o poder econômico e que, portanto, a política não é nada mais que um jogo entre elites, no qual o povo sempre sai perdendo.*
- A questão ambiental é apenas mais uma faceta desse quadro distópico e, na opinião dos participantes, não é o mais alarmante.*



6. REPRESENTAÇÃO POLÍTICA DA QUESTÃO AMBIENTAL

É consenso que a temática ambiental não integra o conjunto de motivações para o voto, independente do cargo em disputa, assim como não é tema prioritário das campanhas da maior parte dos candidatos.

- Os participantes Avaliam que não há oferta de candidaturas com a pauta ambiental. As exceções lembradas são a ex-ministra Marina Silva (especialmente citada em Rio Branco), o Partido Verde (o deputado Sarney filho citado em São Luís), a senadora Kátia Abreu (citada pela ótica negativa em Palmas) e o senador Randolfe Rodrigues (citado em Macapá).
- A explicação por trás desse fato é que esse assunto “não dá voto”.
- Assim, na visão dos entrevistados os políticos optam por “temas clássicos” como obras, saúde, segurança e educação.
- A identidade étnica, seja ela indígena, negra ou ribeirinha não foi citada pelos participantes como um dado de relevância no cálculo de suas preferências eleitorais.



7. CONSIDERAÇÕES FINAIS



CONCLUSÕES FINAIS

- ❑ *Do ponto de vista eleitoral, a pesquisa aponta para a conclusão de que a temática ambiental terá dificuldade de ser utilizada em campanhas eleitorais se apresentada de modo complexo.*
- ❑ *Como muitos dos temas da agenda são de natureza complexa e demandam inclusive algum conhecimento técnico, é importante adotar uma linguagem simples e SEMPRE conectar questões ambientais a problemas bastante concretos que afetam as pessoas dos residentes da Amazônia Legal, como calor excessivo, chuvas acima do previsto, inundações, problemas respiratórios causados pela fumaça das queimadas, etc.*
- ❑ *Por exemplo, o vídeo sobre o apagão de energia elétrica que aconteceu em Macapá, em 2020, mobilizou bastante os participantes, e permitiu a ligação com temas da agenda ambiental.*
- ❑ *Não houve forte projeção da divisão politico-ideológica que marca hoje o país no tratamento da questão ambiental, ou seja, a questão ambiental não foi vista pela ótica da oposição entre direita e esquerda.*
- ❑ *Por outro lado, o presidente é visto como ignorante, mentiroso ou descolado da realidade da região, particularmente no que toca a questão ambiental, pela maioria dos participantes.*
- ❑ *Há uma percepção difusa de que os problemas ambientais estão ligados à assimetria econômicas, à concentração do poder nas mãos de fazendeiros, empresários e da classe política, mas tal percepção não se traduz explicitamente em adesão política ou ideológica.*



CONCLUSÕES FINAIS

- ❑ *Questões identitárias que dizem respeito aos povos tradicionais não parecem seduzir os eleitores das grandes cidades. A estratégia para candidatos que pretendem representar esses grupos deve ser a de identificar nichos eleitorais específicos que tenham maior abertura ao tema, por proximidade étnica, geográfica ou ideológica.*
- ❑ *A identidade amazônica mesmo parece ser fraca em praticamente todas as cidades, com exceção de Manaus, Rio Branco e Macapá, ainda que no caso da capital do Amapá essa identidade parece ser mais local, tucuju, do que propriamente pan-amazônica.*
- ❑ *É recomendável em uma segunda rodada de grupos focais a exploração mais intensa das particularidades identitárias e políticas de cada capital e respectivo estado, dado que a pesquisa revelou serem eles elementos fundamentais nas escolhas dos eleitores da região no que toca sua representação política.*



FICHA TÉCNICA

AUTORES

*Carolina de
Paula João
Feres Jr.*